

## DIÁRIO DE CAMPO

### Entrevista com dona Amélia

A primeira visita à casa de dona Amélia ocorreu no início de novembro passado. Fui acompanhada de uma ex-funcionária da fábrica em que ambas trabalharam. Sua presença facilitou-me o contato com a futura informante.

Chegando à casa, fomos atendidas com boa receptividade. Apresentamo-nos e dirigimo-nos à sala, à convite da filha de dona Amélia. Em seguida, expusemos os motivos que nos levaram até ali. Conversamos por algum tempo, mas dona Amélia não se mostrou interessada em nos conceder a entrevista com gravação. Embora fosse o primeiro contato, ela relatou-nos fatos de sua vida, principalmente o período de sua infância e de sua mudança definitiva da Argentina para o Brasil, tendo se emocionado em certos momentos de sua narrativa. Após algumas horas, agradecemos sua boa vontade em nos atender e retiramo-nos. Dona Amélia sugeriu que poderíamos conversar em outras oportunidades, porém, não se dispôs a gravar as futuras entrevistas.

Alguns dias depois, voltei à sua casa, desta vez sozinha, para tentar uma nova aproximação e finalmente dona Amélia concordou em participar deste trabalho. Retornei no dia seguinte e após alguns minutos de conversa na sala, dona Amélia conduziu-me até seu quarto para iniciarmos a entrevista. Para minha surpresa, ela vinha, há algum tempo escrevendo sua autobiografia e optou por fazer a leitura das suas anotações como parte inicial da narrativa.

Durante o relato, dona Amélia ia mostrando-me objetos pessoais de muita estima, como fotografias de familiares, carta de sua mãe e nota fiscal de seu vestido de noiva. Entre os objetos apresentados, chamou-me bastante atenção um pequeno cacho de cabelos amarrado numa fita de seda e guardado numa caixinha. Era de sua irmã gêmea que faleceu aos sete anos de idade. Dona Amélia cortou-o quando a pequena estava no caixão. Ela ficou muito emocionada ao tocar nestes objetos.

A cada encontro, foi se criando uma cumplicidade envolta de sentimentos afetuosos entre pesquisadora e informante. Nas sessões seguintes, dona Amélia aguardava-me, deixando as cadeiras estrategicamente colocadas em seu quarto para prosseguirmos com o trabalho. À medida que fomos travando uma relação mútua de respeito e confiança, dona Amélia foi-me apresentando uma parte do

seu universo doméstico, levando-me a conhecer as dependências da casa e um pouco de sua intimidade, exibindo-me orgulhosa suas roupas feitas pela filha mais velha.

Em conversas após as gravações, dona Amélia fala com emoção da condição da velhice, contando-me casos que demonstram a exclusão sofrida pelos velhos em nossa sociedade. No caso da informante, ela se mostra bem relacionada com a família e com a comunidade. Preserva a vaidade e tem orgulho do trabalho dedicado aos seus próximos: "...minha vida foi trabalhar".

Dona Amélia comemorou seu 86<sup>º</sup> aniversário oferecendo uma recepção aos parentes e amigos. Pela manhã, enviei-lhe flores e à noite fui à sua casa lhe dar um abraço. Fez-me companhia, sentando-se ao meu lado, e mesmo naquele momento, relatou-me fatos como as grandes festas que promoveu quando era casada (atualmente dona Amélia é viúva). Sua história de vida é, sem dúvida, admirável. Infelizmente, por motivos de saúde, a informante não se encontra em condições de dar continuidade ao presente trabalho. Mesmo assim, o relato das mudanças bruscas de origem econômica, geográfica, cultural etc., vivenciadas por ela, dão margem a múltiplas interpretações.

Finalmente, o conhecimento desta e de tantas outras histórias de vida, resgatadas pela memória, só se torna viável com aplicação das técnicas de pesquisa qualitativa. No caso, o uso do gravador é indispensável. Entretanto, o estudo de memória de um indivíduo não deve ser visto como um caso particular, isolado. Ao contrário, a memória individual está carregada de elementos que a identificam com a memória social ou coletiva.

### Entrevista com Dona Maria Luíza

Dona Maria Luíza esperava ansiosa o dia da entrevista. Antes mesmo da hora marcada, ela passou em casa a fim de confirmar o horário da entrevista e para mostrar-me fotos e documentos de sua família.

Quando cheguei à sua casa, ela foi logo me acomodando, abrindo as janelas e as cortinas da sala.

Ao iniciarmos o trabalho de memória, percebi que ela estava muito tensa e nervosa. Tentei tranquilizá-la, comentando a possibilidade de deixarmos a entrevista para um outro dia. Ela rapidamente descartou a hipótese, confessando-me que o motivo

que a afligia, era o fato de não saber "falar direito", uma vez que nunca teve estudo.

No decorrer da entrevista, observei que o fator "escolaridade" teve peso muito importante em sua vida, provocando uma fala emocionada ao lembrar que esta oportunidade lhe fora negada.

Durante todo o tempo, Dona Maria Luíza remeteu-se exclusivamente à sua infância. Em momento algum, ela toca no nome do marido, das filhas ou de seu passado recente. Quando o faz, numa ilustração sensível, Dona Maria Luíza utiliza-se de símbolos, ao tratar, por exemplo, da passagem de sua infância, de sua mocidade para o seu casamento. Num tom emocionado, conta a morte de seu papagaio, companheiro de suas canções. Este morre de tristeza, quando Dona Maria Luíza sai de casa e vai viver com o marido.

Ao mencionar uma única vez seu casamento, a informante chora, numa alusão simbólica à morte de seu papagaio, enfim, ao rompimento familiar.

Novamente, emociona-se ao lembrar-se dos pais - principalmente do pai - e do número grande de irmãos.

Fala com orgulho da coragem e da bravura dos italianos, de alguns de seus costumes e das dificuldades que eles tiveram que enfrentar ao chegar ao Brasil.

Relata com sabedoria e simplicidade as conquistas da mulher, a dupla jornada de trabalho e a hierarquia sexual que existe em nossa sociedade.

O exercício de lembrar, para Dona Maria Luiza, é vital, embora o faça com certa restrição, uma vez que "(...) *ninguém quer ouvir as histórias que o velho têm pra contar*".

### Entrevista com o Sr. Antonio

A escolha do Sr. Antonio para o estudo de memória ocorreu mediante a consciência que eu tinha de seu passado enquanto militante do Partido Comunista Brasileiro, na cidade de Avanhandava, nos anos que precederam o Golpe Militar de 1964.

Na primeira quinzena de setembro, encontrei-o, casualmente, no comitê da Frente Brasil Popular, quando conversamos pela primeira vez. Falei sobre a provável realização deste trabalho e de meu interesse em ouvir "sua memória". O convite para a entrevista foi aceito, e o Sr. Antonio disse que teria muita coisa para contar.

Naquele primeiro encontro, seu Antonio não se intimidou e, espontâneamente, fez um rápido recuo ao passado, lembrando a fundação do sindicato dos trabalhadores rurais de Avanhandava.

No dia 30 de outubro, fui até à sua casa para marcarmos a entrevista, e explicar-lhe os procedimentos (uso do gravador) e os objetivos do estudo de memória. Marcamos a entrevista para o dia seguinte, às 20:00hs. Contudo, é importante destacar que ele falou de seu passado por mais de uma hora neste encontro. Contou sua trajetória do Piauí até Avanhandava, sempre envolvido nas reivindicações dos trabalhadores rurais. Naquela conversa, falou sobre sua relação com a cidade, dos problemas dos trabalhadores. Falou também, sobre a perseguição que sofrera com o Golpe Militar de 1964, referindo-se a um padre, a dois latifundiários e ao prefeito que queriam matá-lo, obrigando-o a fugir para o Estado do Paraná.

Diante de sua positividade em lembrar, fui obrigada a interrompê-lo, explicando que, sem o gravador, muito do que ele me dizia seria esquecido. Fui embora, com a certeza de que, no dia seguinte, a entrevista seria riquíssima e que, provalvemente, não se esgotaria em um único dia.

Voltei à sua casa na hora combinada. Quando cheguei, o Sr. Antonio cochilava na varanda, sendo acordado por sua esposa.

Convidou-me a entrar e fomos nos sentar na cozinha, onde tinha uma tomada para o gravador e estávamos distantes de seus familiares. O Sr. Antonio pediu que eu o escutasse antes de iniciarmos a gravação, quando me disse que havia preparado algumas coisas para me contar.

Assim que liguei o gravador, ele começou a falar, mas percebi que não estava à vontade diante do aparelho, pois a todo momento, afastava-se deste. Durante sua fala, não admitiu que eu o interrompesse com perguntas, pedindo que apenas ouvisse; sua expressão manteve-se séria durante todo o tempo e, parecia que havia preparado um texto previamente, e não vivenciava um momento de "ir e vir" da memória

A entrevista durou menos de uma hora e ele insistiu em dizer que não restava mais nada a contar, que considerava encerrada a entrevista.

Por fim, vale ressaltar que o Sr. Antonio está sempre contando o passado para as pessoas com quem conversa, conforme disseram-me algumas pessoas que o conhecem. Porém, diante do gravador, foi visível a seleção que fez em sua memória...

### Entrevista com Dona Maria

Esta entrevista foi realizada no dia 8.12.1994. A pessoa que concedeu tal entrevista foi escolhida a partir de um laço de amizade. Dona Maria e eu moramos na mesma casa por um ano, eu, como sua pensionista.

Quando lhe fiz o convite, no início, ela não compreendeu muito bem as minhas intenções. Foi a partir dessas dúvidas, que eu lhe expus, numa tarde, as condições e procedimentos da entrevista. Sua reação foi a melhor possível; ficou eufórica com a idéia de poder contar sua vida e, principalmente, por eu querer ouvi-la.

Alguns dias depois, marcamos o dia da entrevista. Ao chegar à sua casa, já me esperava com um lugar tranquilo. Dirigimo-nos à sala. Porém, houve um problema com a tomada do gravador e, por isso, retornamos à cozinha.

No início, Dona Maria estava tímida, sem saber por onde começar. Dei-lhe sugestões e então, iniciou sua fala que, aos poucos, tornou-se fluente, animada e desinibida. Mas, infelizmente a companhia tocou trazendo um corte em seus pensamentos. Era um

sobrinho, o qual raramente a visitava. Fiquei esperando por 25 minutos. Quando seu sobrinho foi-se, D. Maria fez um gesto de alívio, pediu-me mil desculpas e recomeçou. Porém, percebi que a visita de seu sobrinho causou-lhe uma certa irritabilidade e até mesmo, constrangimento.

A entrevista iniciou-se novamente. No entanto, ela não tinha mais a euforia de antes. Parece que a presença do sobrinho lhe incomodara. Depois de uns 20 minutos, seu ritmo retornou-se e ela pareceu recuperar-se. Dona Maria possui um modo de falar muito direto e resumido, contou sua vida sem muitos floreios, sua fala era clara e objetiva. Terminamos após 40 minutos de fita. Eu, por um lado, gostaria de saber outros detalhes, mas senti que para ela, seu relato havia terminado. Entretanto, disse-me, que com certeza, havia se esquecido de muitas coisas.

Depois de uma semana, entrei novamente em contato com ela, pois me pedira para retornar, e queria acrescentar alguns trechos importantes. O retorno foi muito agradável, estava sendo sincera e sua maior preocupação foi relatar sua formatura do curso de enfermagem. Falou por 15 minutos, encerrando a entrevista.

Uma das dificuldades que sentí, foi no sentido de poder estender o tempo da entrevista, pois gostaria que ela tivesse sido

mais minuciosa. Porém, percebi que ela guardava silêncio sobre muitos detalhes de sua vida. Sendo assim, resignei-me a fazer-lhe perguntas e apenas ouvi-la. O clima foi bastante leve, era como se D. Maria se esquecesse, em alguns momentos, do objetivo da entrevista. O momento mais emocionante foi quando descreveu sobre sua saída de casa e os motivos que a levaram a isto.

Seu relato é fragmentado. Fala sobre alguns fatos e omite outros. Os detalhes são silenciados. Não insisti, para não invadir os labirintos de suas lembranças.

Foi uma entrevista da qual eu gostei muito, apesar do relatado acima, essa experiência concretizou a ligação entre os textos lidos em sala de aula e a experiência de campo.